ANÁLISE DA ACESSIBILIDADE PARA PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA NO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA

Janaína Terezinha de Souza

RESUMO

O presente artigo busca analisar o Parque Estadual de Vila Velha e a infraestrutura que o mesmo apresenta para receber pessoas portadoras de deficiência física, por meio de um estudo de caso, fundamentando-se em estudos de Sassaki (1997, 2003), nos quais o autor evidencia questões da inclusão dessas pessoas portadoras de necessidades especiais, inclusive em atrativos turísticos. E através dessas publicações é tido como resultado, quando analisada a infraestrutura de Vila Velha, a ligação entre inclusão social e a infraestrutura de um ambiente. O estudo termina com uma breve entrevista realizada com uma deficiente física que visitou o parque e relatou as dificuldades encontradas para visitação.

Palavras chave: Inclusão; infraestrutura; atrativos; Vila Velha.

ABSTRACT

This article explores the Vila Velha State Park and the infrastructure that it offers to accommodate people with physical disabilities, through a case study, basing on studies of Sassaki (1997, 2003), in which the author evidences questions about inclusion of these people who have disabilities, including in tourist attractions. And through these publications is taken as a result, when analyzed the infrastructure of Vila Velha, the link between social inclusion and the environmental infrastructure. The study concludes with a brief interview with a woman who has physical disabilities who visited the park and reported difficulties during the visitation.

Keywords: *Inclusion; infrastructure; attraction; Vila Velha.*

1. Introdução

Segundo o censo demográfico de 2000 (IBGE, 2010), cerca de 24,5 milhões de brasileiros, ou seja, 14,5% da população possui algum tipo de deficiência. Porém,

atualmente com a inclusão social, essas pessoas têm se inserido mais na sociedade, buscando ter uma vida como qualquer outra pessoa.

A inclusão social, segundo Sassaki (1997, p.41) é: “o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais, e simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.”.

Esse processo de adaptação tem levado tanto pessoas, quanto empresas (ambientes físicos) buscarem a mesma, para que haja a integração sociedade/deficiente, ambiente/deficiente e assim, consequentemente, a inclusão propriamente dita. Essas pessoas que possuem algum tipo de deficiência estão cada vez mais envolvidas em atividades praticadas por todos, sobretudo dentro do mercado de trabalho, onde algumas empresas os têm contratado levando em conta a capacidade e eficiência do profissional e não as dificuldades que um portador de deficiência física sofre no seu dia-a-dia por motivos diversos. Essas transformações ao longo do tempo são descritas por Sassaki:

> “Tudo começou com pequenas adaptações especialmente no posto de trabalho e/ou nos instrumentais de trabalho, com o apoio daqueles empregadores compreensivos que reconheciam a necessidade de a sociedade abrir mais espaços para pessoas deficientes com qualificação para o trabalho e desejavam sinceramente envolver suas empresas no esforço de empregá-las modificando suas empresas.”(SASSAKI, 1997, p.65)

Outro exemplo dessa integração é o esporte, as paraolimpíadas levam de quatro em quatro anos, pessoas com deficiência às competições em diversos níveis e modalidades, e acontecem logo após as Olimpíadas. Segundo Costa e Souza (2004), a paraolimpíada, após as olimpíadas de 2000, passou a ser um evento obrigatório dentro dos países que se comprometem sediar os jogos olímpicos.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa quanto à abordagem do problema apresentado. Em relação aos procedimentos técnicos, é um estudo de caso, este será fundamentalmente de cunho descritivo. Inicialmente serão expostas questões relacionadas com a infraestrutura que os ambientes turísticos apresentam para receber portadores de deficiência física, sobretudo no Parque Estadual de Vila Velha, localizado a aproximadamente 18 Km da cidade de

Ponta Grossa-PR. Também como objetivo deste artigo será descrito as dificuldades encontradas pela deficiente física durante sua visitação ao parque, terminando assim com uma breve entrevista respondida pela mesma quanto a essas e outras dificuldades vividas durante todo o percurso da visitação, e em outros momentos de sua vida.

O trabalho será fundamentado em publicações de Sassaki (1997, 2003) que trazem consigo questões sobre a inclusão social e a integração de deficientes físicos dentro da sociedade e em ambientes físicos, inclusive em atrativos turísticos. Ao descrever estes ambientes, será levantado um breve estudo sobre o desenho universal e sua importância para essa inclusão.

2. Desenho universal- A cidade de Curitiba como modelo

Antes de ser abordada questões relacionadas com a visita ao Parque Estadual de Vila Velha e a infraestrututa do local, é importante a compreensão de um modelo de desenho (projeto), dentro de uma cidade, em torno dela e especialmente em lugares turísticos para que este seja funcional, onde deficientes físicos possam se deslocar de um espaço ao outro e usufruir do mesmo.

O Desenho universal para Steinfeld apud Sassaki (1997, p.140):

> "não é uma tecnologia direcionada apenas aos que dele necessitam; é para todas as pessoas. A idéia do desenho universal é evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiência, no sentido de assegurar que todos possam utilizar todos os componentes do ambiente e todos os produtos."

O autor assegura que o desenho universal deve ser não só mais um espaço construído para a inclusão dos deficientes, mais ele é de fato um ambiente para todos, ao mesmo tempo em que todos estarão utilizando esses recursos de forma única, sendo literalmente universal. Em contrapartida, porém com o mesmo objetivo de inclusão, está o outro modelo de desenho, denominado desenho acessível, em que Sassaki (1997) faz uma breve comparação, já que este último modelo é justamente a adaptação ou transformação de lugares já construídos, em espaços adaptados para deficientes físicos. Sendo eles as rampas feitas ao lado de escadas

ou degraus, adaptações nos ônibus, carros, enfim, nos ambientes públicos.

Portanto, Steinfeld alega que o desenho universal possui mais vantagem que o desenho acessível, pois atende, no entanto as "várias necessidades de um número maior de pessoas" (STEINFELD apud SASSAKI, 1997, p. 141). Podendo afirmar que este modelo de desenho abrange toda a sociedade que utiliza ambientes públicos, e mesmo sem perceber utilizam os mesmos espaços criados pelo desenho universal feito, sobretudo, para deficientes físicos.

Após todo o contexto apresentado, fica fácil compreender a cidade de Curitiba, no estado do Paraná, como modelo de desenho universal.

> "Calçadas bem construídas e os modernos ônibus de Curitiba são exemplos da plena aplicação do princípio do Desenho Universal [...] Instalações e veículos bem desenhados para pessoas 'normais' servem também às portadoras de deficiências, com pouca ou nenhuma adaptação." (WRIGHT, 2001, p.11).

Na cidade, cadeirantes descem por uma espécie de elevador criado em frente à estação-tubo, onde após acionado eles podem continuar seu trajeto na calçada normalmente. Ainda em relação aos transportes da cidade, seus ônibus estão equipados com placas que são montados ao lado externo das portas, formando assim uma "ponte" que abaixa sobre as placas da plataforma, facilitando o embarque e desembarque dos cadeirantes.

A Secretaria Especial de Acessibilidade e Inclusão Social de Porto Alegre, com o apoio da prefeitura, criou no ano de 2007 a cartilha: "Porto Alegre acessível para todos", onde descreve inclusive as normas técnicas para as calçadas púbicas, sendo elas: O espaço livre necessário para que uma pessoa em cadeira de rodas e um pedestre possam circular simultânea e tranquilamente; deve ter largura entre 1m20cm e 1m50cm; Vasos, caixas de correio, bancas de revistas, ou qualquer outro obstáculo não poderão ser utilizados neste espaço. Quanto às rampas para rebaixamento das calçadas: sua largura deve ser de 1m20cm, inclinação máxima de 8,33%. Não deve haver desnível entre o termino do rebaixamento da calçada e da pista para veículos. E devem possuir abas laterais.

Nota-se, portanto, que espaços criados através de projetos com base no desenho universal, possuem poucas ou nenhuma adaptação, ou seja, estes

ambientes são criados para todos, e já projetados para que pessoas 'normais' façam uso do mesmo, à mesma maneira que as pessoas com necessidades especiais, incluindo neste termo, pessoas idosas, grávidas, deficientes físicos e visuais. No mesmo ponto de vista, Sassaki (1997) afirma, que nos dias atuais, nós estamos vivendo em um tempo, em que não se percebe mais nada de especial sendo feito, muito menos espaços sendo (re)construídos, e com isso é perceptível o resultado do desenho universal.

3. Parque Estadual de Vila Velha – Acessibilidade em ambientes turísticos

O Parque Estadual de Vila Velha localiza-se a aproximadamente 18 Km da cidade de Ponta Grossa no estado do Paraná. O parque possui uma área de mais de 3.100 hectares e dentro dessa área estão os arenitos de Vila Velha, Lagoa Dourada e as Furnas. O seu principal acesso é dado pela rodovia BR-376, uma das mais importantes do estado, que liga a cidade de Curitiba ao norte do Paraná.

Analisando o Parque Estadual de Vila Velha, sobretudo sua infraestrutura, como objetivo deste trabalho e descrevendo a visita ao local, juntamente com uma pessoa com necessidades motoras especiais é possível chegar ao desenvolvimento e após isso uma conclusão de todo este trabalho.

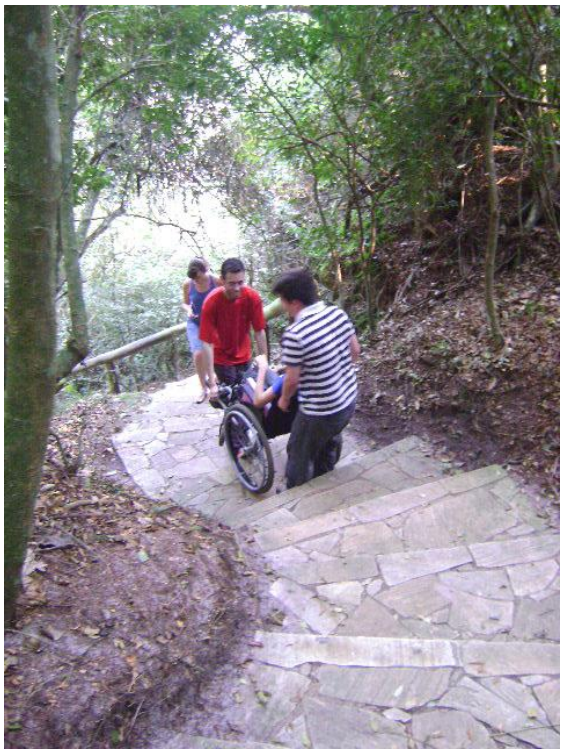
Na chegada ao Parque, é possível deixar o veiculo em um estacionamento que fica a aproximadamente 300 metros da recepção do parque, sendo que todo este trajeto é percorrido através de uma trilha. Logo no inicio é encontrado o primeiro obstáculo, pois para se chegar à trilha que dá acesso aos arenitos, é necessário pegar um transporte, o qual não é adaptado para cadeirantes. Em razão disso, nos foi ofertado um outro veiculo de maior mobilidade à deficiente, uma combi.

A organização do parque nos orientou a percorrer apenas a meia trilha que dá destino a famosa taça, pois encontraríamos, a partir de então, algumas dificuldades, levando em conta que estávamos com uma pessoa com deficiência física. Apesar disso, optamos por fazer a trilha completa, incluindo a trilha do bosque. O percurso da trilha completa é de aproximadamente dois quilômetros e meio, até seu ponto final.

Na trilha principal, nos deparamos inicialmente com quatro degraus, e logo após mais uma sequência de sete degraus conforme a fotografia 1. Nesse primeiro trajeto, as escadas foram as únicas barreiras encontradas.

No bosque as dificuldades foram ainda mais intensas, pois as escadas eram íngremes, e algumas delas chegavam a ter quarenta degraus conforme a fotografia 2. Outro empecilho encontrado esta relacionado à largura da trilha, e em alguns momentos as barreiras eram as pedras que estavam no meio do caminho, que dificultavam a passagem da cadeira de rodas. (fotografia 3).

Fotografia 1-trilha principal com 7 degraus



Fotografia 2- trilha do bosque com aproximadamente 40 degraus

Fotografia 3-pedra encontrada no meio da trilha

Fotografia 4- trilha estreita

3.1 Relato da deficiente física

Para a elaboração deste trabalho, a cadeirante Rafaela Dias de Oliveira contribuiu com o mesmo aceitando visitar o parque Estadual de Vila Velha. Através dessa analise prática foi possível ter uma maior percepção quanto à infraestrutura que o parque apresenta para que assim, seja possível compreender de fato o que poderia ser melhorado para contribuir na inclusão de deficientes físicos. Rafaela possui uma deficiência física ocasionada pela falta de oxigenação ao nascer, resultando assim, à paralisia cerebral.

Quando questionada sobre as maiores dificuldades encontradas no interior do parque, ela responde que a trilha em todo o parque, principalmente na trilha do bosque, é muito estreita e muitas vezes é possível encontrar pedras obstruindo o caminho, tornando difícil a passagem da cadeira de rodas. As calçadas de pedra fazem com que as rodinhas frontais da cadeira enrosquem, pois são pedras de grande tamanho que preenchem todo o caminho e muitas delas foram fixadas longe

umas das outras. Além da primeira dificuldade encontrada logo de inicio que é a falta de transporte adaptado cara cadeirantes.

Com esse primeiro obstáculo encontrado, que foi a falta de transporte adaptado para cadeirantes, onde foi nos ofertado a Combi para a condução até o início da trilha, Rafaela comenta estar acostumada com o fato, pois dificilmente pode se deslocar, e até mesmo conhecer outros lugares por esse motivo. Porém a administração do parque ressaltou que o mesmo possui um transporte adaptado para deficientes físicos, mais alegou que o veículo estaria em manutenção.

Para Rafaela, a intenção da inclusão social é muito boa, pois atualmente muito tem se discutido sobre o assunto, fazendo, assim, com que pessoas que possuem algum tipo de deficiência possam se integrar à sociedade. Porém, ela alega que na cidade de Ponta Grossa muitos espaços foram melhorados, mas não totalmente adaptados: ”A cidade de Ponta Grossa tem calçadas que dificultam o acesso não só dos cadeirantes como dos demais pedestres.”

Quanto às atividades que são ofertadas às pessoas com algum tipo de deficiência, a intenção da inclusão é vista por ela de maneira satisfatória, e comenta sobre a prática de atividades como Taekwondo adaptado para cadeirantes, além das disciplinas cursadas por ela na ADFPG (Associação dos Deficientes Físicos de Ponta Grossa) como pintura em tecidos, e atividades manuais.

Pode-se citar dentre as adaptações e melhorias arquitetônicas que poderiam ser feitas para facilitar a mobilidade de portadores de deficiência física: a diminuição de degraus e/ou construção de rampas, diminuição de altura de meio fio, mais orelhões com altura adaptada para cadeirantes, elevadores nos prédios públicos (UEPG, Fórum), banheiros suficientemente adaptados, no sentido de haver um estudo para se saber quais são as reais necessidades de alteração, não apenas colocando uma placa de acessibilidade, mas realmente realizando as adaptações necessárias. Além destas adaptações arquitetônicas, poderiam disponibilizar cadeiras de rodas nos lugares de maior concentração de pessoas, pois não são todos os cadeirantes que podem carregar uma cadeira no carro.

Existem leis que estabelecem questões de acessibilidade em lugares públicos e privados, tratando de características arquitetônicas desses ambientes e de comunicação, para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. O artigo 2º da

Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000 institui: “II – barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento e a circulação com segurança das pessoas”. Nota-se através disso, que o Parque Estadual de Vila Velha não oferece totais condições para a circulação de pessoas com deficiência física como estabelece a lei, caracterizando uma falha em seu cumprimento.

A inclusão dentro da atividade turística tem levado muitos deficientes físicos a realizarem viagens que antes era impossível devido a pouca acessibilidade. Um exemplo disso está na reportagem: ”Europa em duas rodas” da Revista Viagem e Turismo, publicada no mês de julho de 2010, onde o deficiente físico Bruno Favoretto percorre cidades da Europa e relata seus desafios e obstáculos enfrentados durante a viagem. Porém sua contribuição nessa reportagem não é de forma critica quanto aos lugares visitados, mas sim breves descrições sobre os locais e sua infraestrutura. Onde ele relata que se por um lado, foram encontradas dificuldades nos atrativos, como por exemplo, em alguns museus de Amsterdã onde ele não pode subir até os andares acima pois o único meio de se chegar até lá é somente as escadas, por outro lado, ele descreve a facilidade encontrada nos transportes e nas calçadas de Londres.

Diante das barreiras já apresentadas, deve-se levar em conta que as mesmas dizem respeito a deficientes físicos e também deficientes visuais, auditivos, mentais, ou seja, com alguma debilidade, e para Sassaki (2003, p.35). “Muitas pessoas com deficiência não podem ter acesso aos logradouros turísticos e aos empregos disponíveis no setor, porque existem, nos ambientes de lazer, recreação e turismo do país, os seis tipos de barreiras”. Estas seis barreiras descritas pelo autor dizem respeito à: Barreiras arquitetônicas; Barreiras atitudinais; Barreiras comunicacionais; Barreiras metodológicas; Barreiras instrumentais; Barreiras programáticas.

Considerações finais

Como visto, questões relacionadas com a inclusão social estão sendo abordadas de forma muito mais objetiva e deficientes físicos estão cada vez mais inseridos nas atividades, inclusive turísticas. Além de descrever a infraestrutura

apresentada pelo Parque Estadual de Vila Velha, foram discutidas as relações dessa inclusão no dia-a-dia da sociedade.

Para que pessoas portadoras de deficiência física estejam ainda mais envolvidas em atividades que são praticadas por todas as pessoas, não deve ser levado em conta apenas a conscientização de órgãos públicos e privados para que tal atividade aconteça. Portanto, isso vai além de qualquer mobilização de tal caráter, pois para que ocorra essa inclusão é preciso ao mesmo tempo haver uma modificação (arquitetônica) nos ambientes, já que este é um dos principais obstáculos encontrados por um deficiente físico.

Como objeto primordial deste estudo, a infraestrutura deve-se apresentar de forma que haja a integração de deficientes físicos, nesse caso, no Parque Estadual de Vila Velha. Através deste estudo foi possível definir que o parque, sendo um parque Estadual, deve apresentar melhorias em sua infraestrutura para que possa receber os portadores de deficiência física, ou alguma outra deficiência.

Sabendo que o turismo é uma das atividades que mais tem se desenvolvido nos últimos anos, exemplos como os países mais desenvolvidos, tem nos levado a acreditar que a inclusão social, neste caso não só para portadores de deficiência física, tem feito com que as pessoas menos favorecidas por qualquer que seja o motivo, possam desfrutar de atrativos turísticos como qualquer outra pessoa, pois são também consumidores do turismo, e certamente querem aproveitar seu tempo de lazer conhecendo ou visitando lugares que o atraem seja por sua beleza natural ou cultural.

Referências

COSTA, A. ; SOUZA, S. **Educação Física e esporte adaptado:** História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. Disponível em: <http://www.fiel.edu.br/painel/uploads/19_08_2009__15_40_24esportes_adaptados.pdf>. Acessado em 12 de setembro de 2010.

FAVORETO, B. Europa em Duas Rodas. **Revista Viagem e Turismo,** São Paulo SP, edição 177, p.90-97, Ed. Abril, julho/2010.

IBGE- Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31&paginaatual=1&uf=35&letra=E>. Acessado em: 11 de setembro de 2010.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Porto Alegre acessível para todos**. Conquista consciente, com responsabilidade, 2007. Disponível em: http://www.mbc.org.br/mbc/uploads/biblioteca/1233925403.7972A.pdf>. Acessado em: 19 de outubro de 2010.

SASSAKI, R. **Inclusão,** Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____.**Inclusão no lazer e no turismo**:em busca da qualidade de vida. São Paulo: Áurea, 2003.

WRIGHT, C. **facilitando o transporte para todos**. Washington, USA: Banco interamericano de desenvolvimento, 2001.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10098.htm>. Acessado em:11 de setembro de 2010.

<http://www.fiel.edu.br/painel/uploads/19_08_2009__15_40_24esportes_adaptados.pdf>. Acessado em 12 de setembro de 2010.